



EDIÇÃO Nº 16 AGOSTO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2015

DA CRIAÇÃO DE UM TRABALHO COM LEITURA-FRUIÇÃO EM SALA DE AULA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL PARA UM PROJETO DE LEITURA COM MANUEL BANDEIRA

Eliete Aparecida Borges¹

UNIOESTE-PR

RESUMO: Partindo das discussões apresentadas por Maria Beatriz Zanchet (1988) – Literatura e subjetividade: a mediação do professor, Cláudia Riolfi (2008) – As especificidades do texto literário e O “lugar nenhum” da literatura nas aulas de Língua Portuguesa de Luiz Percival Britto – Promoção X mitificação da leitura pretende-se criar um Projeto de Leitura com Manuel Bandeira para o 9º ano do Ensino Fundamental.

Palavras – chave: Literatura, leitura, projeto, ensino.

ABSTRACT: Based on the discussions presented by Maria Beatriz Zanchet (1988) –Literature and subjectivity : the teacher’s mediation, Claudia Riolfi (2008) -The specifics of the literary text and the "nowhere" of literature in Portuguese Language classes and Luis Percival Britto - Promoting greading X mythologizing reading, it is intended to create are adding project with Manuel Bandeira for the 9th year of elementary school.

Keywords: Literature, reading, project, teaching.

Introdução

Atualmente, vivemos num mundo de muita informação, no entanto, há pouca imaginação. Para Zanchet (1988) “A imaginação é a transformação da experiência em conhecimento”. Assim, nesse mundo em profunda transformação, precisamos o tempo todo fazer adaptações, imaginar, improvisar diante dos problemas apresentados. E a escola é um ambiente em que a imaginação é um requisito imprescindível. Ao se falar de escola, lembramos dos momentos em que são realizadas as leituras, sejam elas individuais, coletivas, em voz alta, silenciosa, enfim sejam elas de infinitas maneiras, logo pensamos também em literatura.

Falar em literatura num ambiente escolar envolve uma discussão sobre os seguintes assuntos: o que a obra literária tem a dizer, que espécie de literatura deve ser lida e qual o papel do professor e/ou bibliotecário.

¹ Eliete Aparecida Borges. Mestranda - Mestrado Profissional em Letras na Universidade Estadual do Paraná - UNIOESTE - Cascavel-PR. Contato: eliete.borges@yahoo.com.br

A obra literária tem a dizer sobre o real, no entanto ela é também irrealista. Assim, a obra literária, além de dialogar com várias realidades, entra na esfera da imaginação. E, quanto à espécie de literatura que pode ser lida, Gramsci aponta para o fato de que o que é interessante constitui uma categoria variável, pois muda de acordo com os indivíduos, os grupos sociais ou com a massa em geral por ser um elemento cultural. Ao professor cabe a tarefa de, inicialmente, gostar de ler, conhecer sobre literatura, manter-se constantemente atualizado, não trabalhar sempre com as mesmas leituras ou com outras com as quais não tem experiência. Assim, seu papel é o de ser mediador da subjetividade.

Trabalhar com a obra literária como mediador da subjetividade requer entendê-la. Assim é preciso saber o que seja literatura trivial. Humberto Eco aponta as características dessa literatura. Segundo o autor, trata-se de uma literatura homogênea, com função conservadora, objetiva as sensações intensas e imediatas, sugere o que o público deve desejar, não provoca esforço fruidor, estimula a passividade e uma visão acrítica do mundo, objetiva o entretenimento e atua no nível superficial de nossa atenção, não amplia as experiências individuais, favorece o preconceito no campo dos costumes, dos valores culturais, sociais e religiosos (por se pautar pelos modelos oficiais), cria a ilusão do acesso igualitário aos bens culturais, anula as diferenças de classes. Essa literatura apresenta uma estrutura em que se intensifica o sentimento amoroso para o público feminino e o espírito de aventura, heroísmo e coragem para o masculino.

Além de se trabalhar essa literatura trivial, muitas vezes a escola não operacionaliza mudanças quanto à metodologia, à diversificação de assuntos a serem trabalhados constituindo um entrave para que o professor e/ou bibliotecário possa desempenhar o seu papel. Por outro lado, essa mesma escola que deveria contribuir, ocupa-se das famigeradas fichas de leitura, trabalhando apenas as biografias dos autores, escolas literárias e seus respectivos períodos.

Infelizmente, o que ocorre na escola é o fato de que professores e orientadores pedagógicos encontram dificuldade em operacionalizar os objetivos nos Planos de Trabalho Docente no que se refere ao ensino da literatura. E sem essa orientação quanto aos objetivos não se sabe para que, como e de que modo trabalhar literatura em sala de aula.

Riolfi (2008, p.80) afirma que “infelizmente a literatura serve para discutir questões educacionais, moralizadoras, civilizadoras e pedagógicas”. Assim, muitas vezes se explica a recorrência às fábulas, aos “livros de literatura” para se ensinar os sinais de trânsito, questões de higiene pessoal,

nutrição, respeito, boas maneiras, deixando-se um vazio quanto à fruição do texto considerado realmente literário.

O ensino da literatura deve se contrapor a essa visão utilitarista, a essa literatura trivial, que se relaciona com uma questão cultural que visa ao entretenimento além de se estabelecer o que é literatura e para que se deve ensiná-la. É preciso entender que literatura é algo diverso e muito além da função didática.

Riolfi (2008, p.83) propõe “uma prática de leitura que seja não o desvendamento de todos os sentidos, mas a reduplicação do instante de não-entendimento”. Assim, para que isso ocorra é preciso que o professor trabalhe fundamentado em uma proposta em que haja o reconhecimento do verdadeiro sentido compreendido pelo leitor, das ações das personagens, das mudanças, dos implícitos, das pistas deixadas no texto. Então, se o professor alegar que falta tempo, que a literatura apresenta uma visão utilitarista, que os jovens não se interessam pelos livros clássicos, que não sabe fazer a escolha dos livros para desenvolver projetos de leitura do texto literário com seus alunos, ou ainda, se fizer opção por traduções e releituras por julgar as obras originais muito difíceis ou extensas demais para seus alunos, não será possível que nenhuma prática de leitura do texto literário ocorra.

Britto (1998), no artigo intitulado: “Promoção X mitificação da leitura”, afirma que existe um mito de que hoje em dia as pessoas são capazes de ler os mais variados textos para resolver os seus problemas do cotidiano. No entanto, o que o autor questiona é o fato de: o que se entende por leitura? Não há como se estabelecer se há realmente compreensão sem apoiar-se em estudos objetivos sobre as práticas sociais de leitura ou ainda não há como se ignorar os modos em que os sujeitos se inserem em uma determinada cultura, e como ter controle aos juízos de valor estabelecidos pelo sujeito no ato da leitura.

Para o autor, o sentido é construído pelo leitor, em função de suas experiências individuais, de seus sistemas próprios de referência. Assim, cada leitor é capaz de construir uma leitura muito peculiar, dependendo de seus conhecimentos prévios, de sua bagagem histórico-social. No entanto, quando se fala em construções de sentido e gostos individuais, aponta-se para uma construção de sentidos com foco no leitor, o que é muito preocupante, tendo em vista que nem toda compreensão é válida e que os gostos são construídos a partir de referências sócio-culturais.

Outro mito é o de que uma sociedade leitora é uma sociedade solidária. Sabe-se muito bem sobre o fato de que a leitura tem sido muito mais instrumento de dominação que redenção. Há um



fetichismo em relação ao livro e ao ato de ler, ao fato de que quem lê transforma a sociedade, que a leitura é fonte inesgotável de prazer.

Segundo o autor, a leitura é uma questão político-social e não está relacionada ao gosto ou ao prazer. Para que a leitura faça sentido há uma manipulação de sistemas específicos de referência e de interpretação, construídos sócio-historicamente. Assim, o sujeito está condicionado a essa manipulação política e social que impede qualquer manifestação de gosto ou prazer.

Proposição metodológica

A atividade será desenvolvida com o nono ano do ensino fundamental e envolverá 30 alunos e se trabalhará o letramento literário com três poemas de Manuel Bandeira: “Maçã”, “Evocação do Recife” e “Ponteio”.

Quanto ao letramento literário é imprescindível apresentar uma proposta que a partir da leitura do texto produza sentido. Para que essa atividade de leitura seja realizada é interessante propor uma sequência básica constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Motivação é uma atividade de preparação para a leitura, objetivando a aproximação do aluno com a obra literária, exerce uma influência sobre suas expectativas de leitura e normalmente trata a leitura como uma atividade de saber e prazer. Assim, essa atividade requer um planejamento. O professor pode falar o título da obra para que o aluno explique sobre do que se trata; solicitar ao aluno que imagine uma solução para um problema ou que preveja determinada ação que ocorreria durante o desenrolar da leitura; produzir um texto junto com o aluno a respeito da temática; conversar com o aluno sobre a estrutura de um determinado texto; pedir ao aluno que elabore um dicionário, no qual irá definir de forma imaginária algumas palavras e, em seguida, socializá-las para a turma de alunos; ao ler um poema, por exemplo, solicitar que mencionem outros poemas já lidos por eles e outras formas que dispõem essa preparação para a leitura de forma lúdica e prazerosa.

O segundo passo é a introdução, entendida como a apresentação do autor e da obra. Para se apresentar o autor é necessário fornecer informações básicas sobre ele e relacionadas ao texto que será lido. Quanto à obra, é interessante chamar a atenção dos alunos em relação aos aspectos paratextuais, a saber, a leitura da capa, da orelha e do prefácio, caso haja, além de se falar da importância da obra no momento de sua criação, com o objetivo de que ela seja recebida pelo aluno de modo positivo.

O terceiro passo diz respeito ao acompanhamento da leitura. Tendo em vista que a leitura escolar tem um objetivo, faz-se necessário que o professor acompanhe o aluno para auxiliá-lo em suas dificuldades. Desse modo, o professor deve convidar o aluno a apresentar os resultados da leitura por meio de intervalos, nos quais o professor irá convidar o aluno para conversar sobre o andamento da narrativa (isso pode ser feito, por exemplo, a partir da divisão de uma obra em capítulos). Durante esse momento de interação entre o professor e o aluno, haverá, por parte do professor, uma intervenção com o intuito de resolver as dificuldades de leitura encontradas pelos alunos, que podem estar relacionadas ao: vocabulário, conteúdo composicional, ao ritmo, à interação com o texto, ao desajuste das expectativas iniciais do aluno, o que garantirá a leitura do texto literário em sua totalidade, ou seja, interagir com o texto, entendendo a forma como se conta o que se conta. Assim, o aluno construirá sua experiência única, que em nenhum momento pode ser vivida vicariamente, além de participar de uma experiência estética, que por sua vez também é peculiar de cada aluno.

O último passo é o da interpretação no qual subjazem dois momentos: um interior e outro exterior. O momento interior refere-se ao momento de encontro entre o aluno com a obra, no entanto esse encontro é individual, pois está atrelado à história de leitor do aluno (suas poucas/ou muitas experiências de leitura), suas relações familiares, ou melhor, ainda, representa o que o aluno é no momento da leitura. Assim, entende-se que além da decifração, pode-se entender o momento interior como sendo o da ação social sobre o texto literário.

O momento exterior envolve a construção de sentidos do aluno que será implementada por meio de registros. Vários são os exemplos de registros: desenhar uma cena da narrativa e explicar aos colegas o seu desenho, escolher uma música que trate dos sentimentos de uma personagem ou dos próprios sentimentos do aluno ao ler o livro, escrever uma resenha para o jornal da escola, realizar uma performance dramatizando trechos ou vestindo-se como as personagens, registrar em um diário anônimo que será exposto em um varal no fundo da sala, realizar colagens que traduzem aspectos da obra, confecção de maquetes que serão expostas para toda a escola, realizar um júri simulado, realizar uma feira cultural e/ou feira do livro, organizar murais e cenários a partir da leitura da obra, cantar uma canção que diga tudo sobre determinada personagem, produzir uma resenha para circular entre os alunos da sala de aula, adicionar trechos à obra (prefácios, epílogos, períodos temporais na narrativa – o que aconteceu com a personagem dez anos depois ou dez anos antes, personagens, espaços), alterar os elementos da

narrativa (as personagens, o tempo, o espaço, o enredo, o clímax, o desfecho) e muitas outras possibilidades de registros que variam de acordo com a imaginação do professor.

Revisitando a Teoria para uma Proposta de um Projeto de Leitura com Manuel Bandeira

Na motivação, primeiro passo da sequência básica para um letramento literário, será apresentado ao aluno, de forma gradativa, os títulos de cada poema: “Maçã”, “Evocação do Recife” e “Ponteio” Logo após, solicita-se ao aluno que imagine sobre qual tema cada poema vai tratar.

No segundo passo, que é a introdução, apresenta-se um breve comentário sobre os livros poéticos escritos pelo autor.

A Antologia poética de Manuel Bandeira é constituída dos seguintes livros:

- A Cinza das Horas (1917)
- Carnaval (1919)
- O Ritmo Dissoluto (1924)
- Libertinagem (1930)
- Estrela da Manhã (1936)
- Lira dos Cinquent’anos (1940)
- Belo Belo (1948)
- Opus 10 (1952)
- Estrela da Tarde (1963)
- Máfua do Malungo (versos de circunstância) (1948)
- Estrela da vida inteira (1966)

Sugerimos, com finalidade meramente operacional, a classificação da obra de Manuel Bandeira em três momentos distintos, a saber:

1º Momento: uma poética tradicional (A Cinza das Horas, Carnaval, O Ritmo Dissoluto).

2º Momento: uma poética moderna (a partir de Libertinagem).

3º Momento: uma poética concretista (poemas esparsos).

Comentários: em *A Cinza das Horas*, que, segundo o seu próprio título tão admiravelmente escolhido, arranca das horas que se foram o perfume; há um lirismo pessoal e espontâneo.

Nessa primeira etapa da trajetória da poesia de Bandeira, há indícios de que elementos da natureza, tais como, a água e a noite, adquiram uma entoação simbólica.

Bandeira justifica o título do livro *Carnaval*, anunciando ser esse um livro que não tem unidade, assim como o carnaval, em que todas as fantasias são permitidas, e faz ainda algumas poesias com referências a personagens de carnaval.

O *Ritmo Dissoluto* possui poemas inovadores, cuja temática é a aceitação, além disso, há também novidade no modo de unir as palavras, de lhes dar outra vida, outros sentidos, às vezes com uma simples justaposição de termos, com um jeito ainda não usado de substantivar as coisas, com uma conotação estranha. A maioria dos poemas do livro está escrita numa forma que ainda não é o verso livre 100%.

Libertinagem é o livro de cristalização do poeta: o poeta perdeu-se de si mesmo, para dar um tema useiro dos nossos poetas modernos.

As poesias do livro *Estrela da Manhã* reafirmaram o impulso de liberdade e de criação autônoma do poeta. Sua ironia, religiosidade são aqui representadas.

A poesia bandeiriana da *Lira dos Cinquent'anos* apresenta um despojamento por parte do poeta, há uma intimidade entre leitor e poeta, apresentando produções libertas de preocupações objetivas e o poeta, com a consciência de haver terminado a sua rota, reporta-se à morte, à confissão.

Em *Belo Belo* o poeta nos mostra sua maior serenidade, ele é um homem que “saboreia” a vida:

“Mas para quê
Tanto Sofrimento
Se nos céus há o lento
Deslizar da noite?”

Em *Opus 10* percebe-se a analogia ao campo semântico musical, a palavra latina *opus* indica genericamente obra, composição, e o numeral 10 indica a posição de uma determinada peça do conjunto de composição do autor, e nela o poeta volta, por alusões, por lembranças, aos temas sem importância que lhes marcam a melhor poesia.

Os textos de “Estrela da Tarde” ilustram bem a maturidade do poeta completo que Bandeira já é ao tempo deste livro, onde encontramos suas duas grandes fisionomias artísticas, tanto a tradicionalista quanto a moderna. O poeta da morte canta amigos perdidos ressuscitando-os, como é o caso de Mário de Andrade, e documenta suas experiências com a cognominada poesia concreta, através, por exemplo, do “ponteio” poema que será estudado por nós.

Em “Máfua do Malungo” o próprio poeta explica a etimologia:

- “Máfua” toda a gente sabe é o nome dado às feiras populares de divertimentos. “Malungo” significa companheiro, camarada; é um africanismo, segundo Cândido de Figueiredo, “nome com que reciprocamente se designavam os negros que saíam da África no mesmo navio”.

Nesse livro, Bandeira faz jogos onomásticos, sátiras políticas, brinca “à maneira de” outros poetas.

Comemora seus oitenta anos, publicando a coletânea “Estrela da Vida Inteira”.

Dois anos mais tarde, falece no Rio de Janeiro, a 13 de Outubro, nosso “São João Batista do Modernismo”.

Acompanhamento da leitura é o terceiro passo. Durante esse momento se explica sobre o vocabulário, o conteúdo composicional, o ritmo, sempre por meio de interações entre o professor e o aluno. Sob uma abordagem literária e de acordo com a classificação da obra de Manuel Bandeira, deve-se:

- a) Constatar nos poemas do primeiro momento a predominância de valores estéticos parnasianos, simbolistas e mesmo penumbristas.
- b) Constatar nos poemas do segundo momento o rompimento com as opções estéticas anteriores.
- c) Constatar nos poemas de terceiro momento elementos da estética concretista.
- d) Examinar as constantes temáticas na obra do poeta, tais como, a infância – memórias, o desencanto, o niilismo, a solidão, a morte, o amor, a efemeridade da vida – “O que poderia ter sido, e não foi”, a desmistificação de valores poéticos tradicionais – a própria poesia.

e) A musicalidade é uma categoria da maior importância na poética de Manuel Bandeira. Assim sendo, perceber as diferentes formas assumidas por esse recurso, como por exemplo: sibilâncias, nasalizações, harmonias imitativas, paralelismo, rimas, métricas.

Muitos dos poemas de Manuel Bandeira, segundo o “Itinerário de Pasárgada”, foram musicados, como “Berimbau”, “A morte absoluta”, “Azulão”, “Cantiga”, “Trem-de-Ferro”, “Na rua do sabão”, “Macumba do pai zuse”, “Boca de forno”, “O menino doente”, “Dentro da noite”, “Boas vindas” e outros.

f) Observar todo um universo sinestésico e plástico configurado através da fusão de sensações auditivas, visuais, olfativas, gustativas e táteis.

g) Examinar os aspectos imagísticos dos poemas; os recursos metafóricos, comparativos, hiperbólicos, anastróficos.

h) Examinar nos poemas as funções da linguagem, segundo a teoria de Roman Jakobson:

- a) Função emotiva (centrada no remetente).
- b) Função conativa (centrada no destinatário).
- c) Função referencial (centrada no contexto).
- d) Função poética (centrada na mensagem).
- e) Função fática (centrada no contacto).
- f) Função metalingüística (centrada no código).

Procurar perceber nos poemas qual a função predominante, não excluindo, no entanto, as outras funções que poderão aparecer concomitantemente.

i) Fazer um levantamento do campo semântico, estruturando valores positivos e negativos na produção poética de Manuel Bandeira.

j) Fazer um levantamento do aspecto formal: estrofação, métrica, pontuação, acentuação.

Exame de alguns poemas selecionados, observando que serão 2 poemas modernistas e apenas um poema concreto.

Modernistas: Maçã e Evocação do Recife.

E o Poema Concreto: Ponteio.

Maçã constitui-se em um poema em versos livres, pois o poeta não buscou o ritmo redondo do verso tradicional, quebraram-se as rimas e os acentos.

Maçã, poema erótico da poesia bandeiriana, situa-se no segundo momento representando sua poética moderna.

Dentre os recursos a serem avaliados em cada poesia é o universo plástico que aqui se evidencia, a maçã, motivo pictórico, em cada verso é vista a partir de um ângulo novo (1ª estrofe).

Além delas maçãs sempre serem motivos exemplares para naturezas – mortas, ainda se percebe a conotação erótica.

Baudelaire admite a importância da escolha do assunto na determinação do modo de ser de um artista. Tende a interpretar psicanaliticamente a presença recorrente da fruta como produto simbólico e inconsciente do desejo sexual reprimido.

Essa técnica de fracionar a maçã resultou em uma percepção contraditória dos dois lados da fruta.

Em relação ao campo semântico, encontramos: seios e ventre, que são partes do corpo humano, assim como: umbigo, cordão placentário.

Há, ainda, uma oposição semântica na primeira estrofe entre a vida e a morte. A primeira representada pelo cordão placentário e a segunda, seio murcho, conotando a vida que se extingue.

A redondez é associada inicialmente à maçã e, em seguida, ao seio e ao ventre.

A maçã, fruto carnoso, e a palavra seio, por sua vez, se associam à idéia de desejo.

Se, por um lado, quebrou-se a redondez dos versos, por outro, também a maternidade plena.

Já, no seguinte monóstico fixamos o olhar na imagem colorida da maçã comparada à cor do amor divino (sinestesia).

O trístico central constituiu também o interior do fruto descrito, seu âmago.

Nessa estrofe do meio, os versos de fora coincidem quanto à função de adjuntos adverbiais de lugar (Dentro de Ti) e de modo (em pequenas pevides), sendo que o segundo verso foi construído de maneira anastrófica (Palpita a vida prodigiosa).

Encontramos nesse trístico o seguinte paradoxo: parece impossível que possa dar-se naturalmente. A vida é um prodígio; espanta que possa simplesmente acontecer. A maçã resguarda, em sua forma uterina, maternalmente, esse prodígio.



O infinitamente grande é visto na perspectiva do infinitamente pequeno: o maior de todos os mistérios, o da vida, se concentra numa ínfima da fruta.

Na última estrofe nota-se o deslocamento do olhar, focalizado anteriormente na maçã, agora no quarto de hotel.

Aqui, a conjunção coordenativa “e” corresponde à adversativa “mas”, o fruto sagrado desce à condição cotidiana da fruta. O sublime acha-se implícito no mais humilde cotidiano.

Em relação ao poema: “Evocação do Recife”, inicialmente, nossa proposta é de esclarecer o vocabulário, talvez desconhecido, contido na obra:

Veneza americana: associação com a cidade de Veneza pelo fato de ter a paisagem urbana cortada pelos canais dos rios Capibaribe e Beberibe.

Mauritsstad: na época da invasão holandesa, a cidade levava o nome de Maurício (de Nassau).

Recife dos Mascates: referência à Guerra dos Mascates, no início do século XVIII, envolvendo os comerciantes de Recife e os senhores de engenho de Olinda.

Pincenê: óculos sem haste.

Politonavam: cantavam.

Capiberibe: variação de Capibaribe.

Alumbramento: deslumbramento.

Pegões: pilares que sustentavam uma ponte.

Cavalhada: brincadeira popular.

Pregões: forma de propaganda utilizada pelos vendedores da rua.

Pataca: meda antiga.

Manuel Bandeira denominou seu poema “Evocação do Recife”. Esse título sugere a intenção deliberada de trazer à lembrança, à imaginação seu passado na cidade de Recife, é o que nos diz no Itinerário de Pasárgada: “Na “Evocação” já havia mencionado o nome de Totônio Rodrigues, que “era muito velho e botava o pince – nez na ponta do nariz”.

Esse Totônio era sobrinho de meu avô e me parecia muitíssimo mais velho do que ele. Não sei se foi isso ou a maneira de usar o pince – nez, ou o jeito de falar que o marcou tão profundamente na minha memória. Tomásia era a velha preta cozinheira da casa da Rua da União. Tinha sido escrava de meu avô e fora por ele alforriada. Naquela cozinha, com seu vasto fogão de tijolo, o seu enorme pilão, e

que pelas festas de Santo Antônio, São João e S. Pedro resplandecia quentemente com as grandes tachas de cobre areadas até o vermelho. Tomásia, pequena, franzina e de poucas falas, mandava um sagrado respeito com as suas duas únicas respostas a todas as minhas perguntas: “hum” e “hum – hum”, que eu interpretava por “sim” e “não”. Rosa era a mulata clara e quase bonita que nos servia de ama – seca. Nela minha mãe descansava, porque a sabia de toda confiança. Rosa fazia-se obedecer e amar sem estardalhaço nem sentimentalidades. Quando estávamos à noite no mais aceso das rodas de brinquito, era hora de dormir, vinha ela e dizia peremptória: “Leite e cama!” E íamos como carneirinhos para o leite e a cama. Mas havia, antes do sono, as “histórias” que Rosa sabia contar tão bem...” p.87-88

Essa evocação além de classificar-se sob a temática da memória, foi escrita em versos livres, sem rima, sem estrofação regular, mas com ritmo.

Na primeira estrofe, o poeta estabeleceu uma série de negativas com o objetivo de afirmar que o texto seria a respeito de suas reminiscências.

Na segunda estrofe descreve as brincadeiras de sua infância como, chicote-queimado e coelho na toca.

Ainda, na segunda estrofe, temos a presença da tradição, com versos isométricos:

“Ro¹/sei²/ra³/ dá⁴/-me u⁵/ma⁶/ro⁷/sa
Cra¹/vei²/ro³/ dá⁴/-me um⁵/bo⁶/tao⁷/”
Acentuação: (2 – 4 – 7)

O temor do poeta apenas aparece quando pensa na possível mudança do nome das ruas.

O poeta, ainda, nos fala do seu primeiro alumbramento: o dia em que viu uma moça nuinha no banheiro.

Menciona dois de seus poemas, “Boi Morto” e o “Trem de Ferro”, este último retoma o vulto de seu par, que cantava para ele.

O vocábulo “Capiberibe”, errado intencionalmente, também relembra seu professor de infância.

Há características modernistas marcantes, como, a tendência em copiar a oralidade e a brasilidade. E, sobre ela, para ilustrar, poderíamos mencionar o excerto de uma poesia de Mario de Andrade:

O poeta Come Amendoim

“Brasil...

Mastigado na gostosura quente do
amendoim...”

Em Bandeira:

“É o vendedor de roletes de cana

O de amendoim

Que se chamava midubim e não era torrado era cozido...”

E sobre a língua:

Em Bandeira:

“Vinha da boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil”

Rima: povo e gostoso

A oralidade:

“Ovos frescos e baratos

Dez ovos por uma pataca”

Há uma valorização do local (pano da Costa), do popular, podendo classificar o poema além de descritivo, regionalista.

Em relação ao poema: “Ponteio”, inicialmente, vamos propor atividades sobre o vocabulário, a partir do título:

Ponteio: S. m. 1. Ato ou efeito de pontear (v.t.d.1. marcar com pontos; pontilhar; pontear uma linha. 2. Marcar com pontos de costura ou com alinhavo; pontear um vestido. 3. Mús. colocar os dedos nos pontos de (instrumento de corda dotado de ponto ou de trastos, enquanto a mão direita dedilha,

tanger tocar; dedilhar.) 2. Mús. Composição instrumental de forma livre inspirada na maneira de pontear os instrumentos de corda.

A poesia concreta despertou muito interesse em Bandeira no final da década de 50, integram tendências latentes e difusas na história da poesia moderna e mesmo anterior, nos acostumou a ver no espaço um elemento significativo na estrutura do poema.

Essa poesia renuncia a sintaxe do discurso.

Como ponteio associa-se à idéia de música, marcar pontos para a música, dedilhar, fica subjacente a proximidade entre a música e a poesia.

Por outro lado, caso fizéssemos a associação entre a poesia e a marcação do tempo.

Levando em consideração a distribuição dos vocábulos no espaço da folha de papel, poderíamos imaginar um ponteiro fosforescente de um relógio movimentando-se.

Embaixo do ponteiro haveria sua sombra representada pelo vocábulo tudo negro.

tudo verde (em cima)

tudo negro (embaixo)

É importante observar, ainda, que o relógio está sendo consultado à noite.

Salienta-se o aspecto visual, plástico.

O efeito da poesia concreta reside no aspecto visual, pois a disposição gráfica do poema procura reproduzir a forma do objeto evocado.

Na interpretação a nossa proposta é a de que o aluno registre a sua interpretação por meio de um desenho (em relação ao poema “Maçã”), uma dramatização (em relação ao poema “Evocação do Recife”) e da elaboração de uma resenha (em relação ao poema “Ponteio”).

Considerações finais

Naturalmente, a partir dessa sequência básica proposta por Rildo Coson, partimos de uma apresentação do título e, posteriormente do autor e da obra, para uma leitura e interpretação adequada à capacidade do aluno. Não nos arriscamos de ficar no nível do conteúdo composicional para podermos penetrar na essência poética, proporcionada por meio da leitura e interpretação.



Percebemos que ao longo da leitura que, ao mesclar versos e formas tradicionais (as famosas quadrinhas já conhecidas pelos alunos), que dominaram a primeira fase da produção de Manuel Bandeira, a poemas considerados pertencentes à fase moderna do autor (“Maçã” e “Evocação do Recife”) e o poema concreto (“Ponteio”), constatamos que essa variedade de formas e de técnicas não deve ser encarada como mero virtuosismo, mas a capacidade do autor que se sobressaiu quanto à junção do tradicional ao moderno.

Além disso, tratamos de uma proposta de projeto de leitura que se sustenta nos pressupostos da Linguística Aplicada, pois se volta para o estudo da língua quanto à competência, conhecimento inconsciente da língua, no que se refere à oralidade (quando se trata de poemas que podem ser lidos, declamados).

Referências Bibliográficas

AMARAL, Emília. *Redação, Gramática, Literatura e Interpretação de Texto*. São Paulo: Nova Cultural, 1994.

ARRIGUCCI, Júnior, Davi, 1943 – *Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia e Prosa introdução Geral por Sérgio Buarque de Holanda e Francisco de Assis Borba*. Vol. I Poesis. José Aguilar Ltda. Rio de Janeiro: D. F., 1958.

BARZOTTO, Valdir Heitor; BRITTO, Luiz Percival Leme. *Promoção X Mitificação da leitura*. Em dia: Leitura & Crítica. Campinas, p.3-4, 1998.

COSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A Estética Simbolista*. São Paulo: Cultrix, 1985.

HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário da Língua Portuguesa*. s/d.



EDIÇÃO Nº 16 AGOSTO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2015

RIOLFI, Cláudia. *O “lugar nenhum” da literatura nas aulas de Língua Portuguesa*. In: _ ET AL. *Ensino de Língua Portuguesa*. São Paulo: Thompson Learning, 2008. p.75-93.

_____. *As especificidades do texto literário*. São Paulo: Thompson Learning, 2008. p. 95-112.

TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 1984.

ZANCHET, Maria Beatriz Zanchet. *Literatura e subjetividade: a mediação do professor. 1ª Jornada de Estudos Linguísticos e Literários. Marechal Cândido Rondon: Gráfica Escala, 1988. p.52-56.*

Anexos

Maçã

Por um lado e vejo como um seio murcho
pelo outro como um ventre de cujo umbigo pende ainda o cordão placentário
 és vermelha como o amor divino.

Dentro de ti em pequenas pevides
Palpita a vida prodigiosa
Infinitamente

E quedas tão simples
Ao lado de um talher
Num quarto pobre de hotel.

Petrópolis, 25/02/1938.

Evocação do Recife

Recife
Não a Veneza americana
Não a Mauritssatd dos armadores das Índias Ocidentais
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois –
Recife das revoluções libertárias



EDIÇÃO Nº 16 AGOSTO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2015

Mas o Recife sem história nem literatura

Recife sem mais nada

Recife da minha infância

A rua da União onde eu brincava de chicote – queimado e partia

[as vidraças da casa de dona Aninha Viegas

Totônio Rodrigues era muito velho e botava o pincenê na ponta do nariz

Depois do jantar as famílias tomavam a calçada com cadeiras, mexericos

[namoros, risadas

A gente brincava no meio da rua

Os meninos gritavam:

Coelho sai!

Não sai!

A distância as vozes macias das meninas politonavam:

Roseira dá-me uma rosa

Craveiro dá-me um botão

(Dessas rosas muita rosa

Terá morrido em botão...)

De repente

Nos longes da noite

um sino

Uma pessoa grande dizia:

Fogo em Santo Antônio!

Outra contrariava: São José!

Totônio Rodrigues achava sem que era São José.

Os homens punham o chapéu saíam fumando

E eu tinha raiva de ser menino porque não podia ir ver o fogo

Rua da União...

Como eram lindos os nomes das ruas da minha infância

Rua do Sol

(Tenho medo que hoje se chame do Dr. Fulano de Tal)

Atrás de casa ficava a Rua da Saudade...

...onde se ia fumar escondido

Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora...



EDIÇÃO Nº 16 AGOSTO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2015

...onde se ia pescar escondido

Capiberibe

- Capiberibe

Lá longe o sertãozinho de Caxangá

Banheiros de palha

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho

Fiquei arado coração batendo

Ela se riu

Foi o meu primeiro alumbramento

Cheias! As cheias! Barro boi morto árvores destroços redemoinho sumiu

E nos pegões da ponte do trem de ferro os caboclos destemidos

[em jangadas de bananeiras

Novenas

Cavalhadas

Eu me deitei no colo da menina e ela começou a passar a mão nos meus

[cabelos

Capiberibe

- Capiberibe

Rua da União onde todas as tardes passava a preta das bananas com o

[xale vistoso de pano – da – costa

E o vendedor de roletas de cana

O de amendoim

Que se chamava midubim e não era torrado era cozido

Me lembro de todos os pregões:

Ovos frescos e baratos

Dez ovos por uma pataca

Foi há muito tempo...

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros

Vinha de boca do povo na língua errada do povo

Língua certa do povo

Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil



Ao passo que nós

O que fazemos

É macaquear

A sintaxe lusíada

A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem

Terras que não sabia onde ficavam

Recife...

Rua da União...

A casa do meu avô...

Nunca pensei que ela acabasse!

Tudo lá parecia impregnado de eternidade

Recife...

Meu avô morto.

Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa do meu avô.

Rio, 1925.

PONTEIO

dever

de ver

tudo verde

tudo negro

verde-negro

muito verde

muito negro

ver de dia

ver de noite

verde noite

negro dia

verde – negro

verdes vós

verem êles

virem êles

vinde vós

verem todos

tudo negro

tudo verde

verde – negro



EDIÇÃO Nº 16 AGOSTO DE 2015
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 30/06/2015
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/07/2015